

HÉLIO SEREJO: ESCRITOR ERVATEIRO, MISTO DE HOMEM-CRUZA CAMPO E TROTA-MUNDO

Elismar Bertoluci de Araujo Anastacio¹

Aprendemos muito, muito mesmo, e nos tornamos, então, um caraí ervateiro, como tantos outros, que não se acovardaram ante a selva bruta, e amaram a caá, tal como se ama uma china que sabe prender e por feitiço no kuimbaê. (Livro 34, p. 24).

Resumo: O presente artigo tem como objetivo geral investigar, em narrativas de Hélio Serejo (1912-2007), a maneira como a fronteira está inserida e as formas pelas quais se relacionam os sujeitos que passam a transitar na “fronteira abandonada” em tempo de pós-Guerra e ocupação territorial. A possibilidade de analisar, nos vãos que se abrem, a partir do cruzar – contínuo e temporal – o sujeito fronteiriço, poderá levar-nos a reconhecer possíveis representações identitárias ainda pouco estudadas. Defendemos que o fazer literário serejiano esteja no narrar aquilo que viu e ouviu, o que aconteceu e o que teria acontecido na lembrança e no resgate do esquecido. Estudar a obra de Hélio Serejo é uma forma de (re)descobrir aspectos de “posições de sujeitos” velados pela história oficial, ainda mais quando se trata de uma fronteira “onde o Brasil, já foi Paraguay”.

Palavras-chave: Hélio Serejo; fronteiras; identidade; memória; literário; “novos sujeitos”.

Abstract: The objective of this article is to investigate, in narratives by Hélio Serejo (1912-2007), the way the frontier is inserted and the ways in which the subjects that are transiting on the "abandoned frontier" in post- War and territorial occupation. The possibility of analyzing, in the open spans, from the crossing - continuous and temporal - the frontier subject, can lead us to recognize possible identity representations still little studied. We defend that the literary work of Serejiano is in narrating what he saw and heard, what happened and what would have happened in the memory and the rescue of the forgotten. Studying the work of Hélio Serejo is a way of (re) discovering aspects of "subject positions" veiled by official history, especially when it comes to a border "where Brazil has already been Paraguay."

Keywords: Hélio Serejo; borders; identity; memory; literary; "New subjects".

Estudar a produção de Hélio Serejo (1902 – 2012) equivale a abrir uma gaveta recheada de fotografias que não foram clicadas por quem as vê, mas, em seu verso, há impressões de quem viveu o momento, quer como fotógrafo, quer como fotografado. Assim, há referências situacionais, em específico na obra de Serejo, ao plano histórico, vinculado a acontecimentos de fronteira, Brasil – Paraguai, em um tempo de pós Guerra

¹ Doutorado em Letras, docente IFMS/Coxim/MS lorabertolucci@uol.com.br

da Tríplice Aliança, sendo o autor sujeito do local de que fala na obra – fotógrafo e fotografado.

Para Chalhoub & Pereira (1998, p. 8), uma obra literária possui evidência histórica objetivamente determinada está situada no processo histórico. Em detrimento disso, apresenta propriedades específicas que possibilitam questionamento. Para tanto, devemos averiguar as condições de produção, as intenções do autor, quem é o autor no contexto da escritura, sua relação com o meio. Cândido (2006, p. 17-22) em *Literatura e sociedade* detalha, com bastante precisão, a polêmica de se estudar uma obra agregando aspectos internos e externos, uma vez que conferir, tão somente, a realidade exterior para entender uma obra, pode resultar em uma simplificação causal. O crítico defende, então, o reverso do processo adotado pelas teorias tradicionais de estudo de texto literário, já que o social – externo – não é espelho por meio do qual uma obra reflete uma realidade, mas interfere na constituição de sua estrutura, tornando-se, portanto, interno.

Compreender o enfoque mais abordado pelo autor, a escolha e entendimento da temática, a compreensão e a expansão de determinado tema; compreender as condições em que a obra foi escrita, significa interpretar os aspectos estéticos, sendo que, externos e internos, passam a integrar a estrutura total da obra.

Por isso, optamos por abrir uma discussão tendo como referência “os três elementos fundamentais da produção artística”, segundo Cândido (2006, p. 33): “autor, obra e público”. Nossa opção também se respalda em Sevcenko (2006, p. 34), para quem a literatura deve ser avaliada, sobretudo, como interpretação do contexto social pelo autor e sua manifestação artística latente na obra. Defende, ainda, que a exposição se dá em diferentes graus, e sofre interferência de alguns fatores externos e internos ao autor, tais como: o gênero de preferências, a escola literária a qual pertence – se pertence –, como se dá seu relacionamento intelectual, o local de onde fala, de onde publica, de onde se manifesta, como ocorre seu relacionamento afetivo e familiar, sua condição de vida – outrora – bem como no momento em que se faz escritor e ao longo do processo. Eneida Souza (2007, p. 24) salienta, ainda, que para estudar uma obra, precisamos ter ciência de que o texto ultrapassa a fronteira literária e se projeta para outros campos.

Neste estudo, tomaremos como possíveis e variáveis projeções a fronteira do vivido e do recriado, a produção, circulação e recepção por defender que estão

vinculadas às condições de vida de Hélio Serejo, além dos fatos históricos que perpassam um ambiente de fronteira em tempo de povoamento, motivado por acontecimentos políticos e econômicos já mencionados. Em específico, quando se trata de local em fase inicial de povoamento fronteiriço, motivado por necessidade de mão de obra braçal: “O caraí ervateiro paraguaio veio de sua Pátria para o início de uma nova vida no eldorado da caá”, alimentado pelo desejo de “[...] *trabajar em los yerbales de Mato Grosso, comenzando como guaino, para después, com el tiempo, transformarse em un minero de calidad, ganar dinero, tener muchos amigos y ser respetado en su trabajo, no temiendo ni al mal tempo*”. (Livro 38, p. 57).

Além dos que vieram impulsionados pela possibilidade de trabalho, muitos outros também se colocaram em trânsito de destino certo: a fronteira. Serejo conta que, assim que terminou a cruenta Guerra do Paraguai, em específico, os componentes da coluna do general Câmara, quase todos sulinos, tomaram conhecimento das comentadas, porém pouco povoadas cordilheiras de Maracaju e Amambaí. Após a desmobilização das tropas imperiais, inúmeros riograndenses, participantes da Guerra, voltaram ao seu local de origem. Muitos outros, entretanto, ficaram na região fronteiriça com a intenção de até residir. (Livro 31, p. 180).

No livro *Palanques da terra nativa*, em um dos vinte e um textos, intitulado “Início da fixação”, com forte referência histórica, Serejo conta que muitos retornaram aos locais de origem, após a Guerra, e levaram a notícia das possibilidades propícias ao agropastoril da região: “Cartas dos que aqui se achavam seguiram que viessem, pois a largueza despovoada havia lugar para todos, sendo que as terras eram devolutas e a obtenção do registro da posse não era difícil”. (Livro 31, p. 180).

Conflitos políticos internos – Brasil – acrescentam-se aos citados: “Irrompe, no Rio Grande do Sul, em 1893 a revolução federalista, saindo vencedores da brutal contenda os republicanos. Foi uma luta selvagem, cheia de ódios, traições e vinganças, que teve seu fim em 1895” (Livro 31, p. 180). Com isso, muitas famílias fogem para a Argentina, Paraguai e algumas chegam ao Mato Grosso: “Uma odisséia a viagem das comitivas rumo ao tão falado sul de Mato Grosso! Atravessando dois países, Argentina e Paraguai, quando tudo corria bem alcançando o ponto desejado em dois meses” (Livro 31, p. 182).

Diante desse recorte sócio-histórico, já temos uma sintética noção de como se deu o início do povoamento da fronteira pelo prisma do olhar daquele que se situa

cronologicamente após a Guerra – cresceu ouvindo resquícios de guerra – e que nasceu e cresceu no apogeu da extração da erva mate. Conta que muitos vieram, mas há aqueles – além dos indígenas – que já estavam instalados no local, como é o caso de Serejo, um nativo da fronteira.

Neste fervilhar de fatos históricos, Serejo vai agir em sua obra como sujeito que ouviu a história e como sujeito processo da história, na perspectiva de quem esteve em um tempo e local, e, quando já retirado, o elege como referência nas narrativas. Na intersecção de fatos realizados, ocorridos, e o reconto, está o entre-lugar do fazer literário serejeano que se faz, ademais, pela atipicidade da inserção de dois aspectos à sua obra: insere fatos vividos por ele e por seu pai às narrativas e possui, ao longo de 60 livros, significativo material referente à recepção da obra realizada por amigos e admiradores de um tempo muito próximo às primeiras edições dos livros.

Com isso, as realidades se sobrepõem: vivido e recriado são enredos de uma mesma história, possuem ponto de contato e afastamento, típicos de ambiente de fronteira. Esses entremeados – ouvi, vi, vivi, revivi – interessam nos a fim de que, na afirmação de Valmir Batista Correa, “Nesta terra de poucas memórias” (1995, p.36), possamos recolher vestígios, pelo viés da literatura, de nossa identidade.

Hélio Serejo (1912 - e 2007)², nasceu na fazenda São João, município de Nioaque, um dos primeiros núcleos habitacionais de Mato Grosso, local histórico, palco da Guerra da Tríplice Aliança e primeiro movimento divisionista do Estado³. Nasceu mato-grossense. Com a divisão do Estado, em 1977, passou a ser sul-mato-grossense. Identidade conclamada pelos habitantes de MS, pois mesmo com quase 40 anos da divisão, ainda há pessoas que se referem ao Estado de Mato Grosso do Sul como se fosse Mato Grosso, embora a necessidade e o empenho de divisão date de 1900.

² Em pesquisa realizada em outubro de 2013 junto ao serviço registral e notarial da cidade de Nioaque/MS verificamos que consta na certidão de nascimento a grafia de ELIO SEREJO, sem a letra “H”, portanto.

³ Mato Grosso do Sul tornou-se Estado separado de Mato Grosso em 11 de outubro de 1977 devido à “dificuldade em desenvolver a região diante da grande extensão e diversidade”. Em 1900, rompeu em, Nioaque, o primeiro movimento revolucionário de caráter divisionista, em consequência, sobretudo, “[...] do isolamento físico e social do sul de Mato Grosso, além da inexistência de transporte e de vias de comunicação, a prepotência do Grupo Laranjeira/Murtinho com os brasileiros que chegavam de outros Estados, principalmente, do Rio Grande do Sul”. Tolentino, T. L. Ocupação do sul do Mato Grosso antes e depois da Guerra da Tríplice Aliança. São Paulo, Fundação Escola da Sociologia e política de São Paulo, 1986.

Quando criança, sua família mudou-se para Ponta Porã⁴, fronteira seca, de um lado Brasil, do outro, Paraguai. Segundo Campestrini (2008, p. 19), Hélio Serejo cursou o antigo primário em Ponta Porã e, parte do ginásio, em Campo Grande. Manteve contato com o mundo da escrita ao trabalhar, aos 13 anos, no jornal *Folha do Povo*, em Aral Moreira/MS⁵; ali já publicava seus textos. Ele próprio conta, ao escrever o livro *Meus bisnetos*:

Nasci na fazenda São João, no município de Nioaque. Com dois anos de idade, mudei-me com minha família para Ponta Porã, onde aprendi a andar, a falar, e onde cursei o primeiro ano, apaixonando-me desde então pela melodia dos pássaros, pelas majestosas árvores, pelos animais silvestres, pelos mansos córregos, pelos rios, pelas cascatas, pelos campos floridos, pelo sibilar dos ventos, pelo barulho ensurdecedor das tormentas, e pela magnificência do pôr-do-sol, a voz da natureza... (Livro 49, p. 149).

No povoado, desde muito cedo, acompanhava seu pai nos ervais e foi trabalhar na ranchada de Porto Baunilha, região de Ivinhema/MS, em uma de suas propriedades: “Tinha eu treze anos de idade quando, pela primeira vez, pernoitei em uma ranchada ervateira, conhecida por todos como trabalhado da Empresa Mate” (Livro 34, p. 76). Continua em “Eles”:

Nada escapara dos meus olhos interrogantes. Era, em verdade, um meninote, que tudo queria saber. Aquele complexo de afazeres, um mundo diferente dos demais de que tinha conhecimento com suas originalidades, me empolgava. Em cada peão e nas cunhas martirizadas, eu sorvia a agressividade daquele mister que até então me era completamente desconhecido. Não perdia, até ao anoitecer, um minuto sequer. (Livro 34, p. 76).

⁴ O Decreto-lei n.º 5 812, que criou o Território Federal de Ponta Porã, estabeleceu que o mesmo fosse formado pelo município de Ponta Porã (onde foi instalada a capital) e mais seis outros sendo eles: Porto Murtinho, Bela Vista, Dourados, Miranda, Nioaque e Maracaju. Com articulações políticas, a capital foi transferida para Maracaju em 31 de maio de 1944 (Decreto-Lei n.º 6 550), e novamente volta a Ponta Porã em virtude de Decreto de 17 de junho de 1946. Nesse período articulações e interesses políticos fizeram com que prevalece a força da fronteira. O território foi extinto em 18 de setembro de 1946 pela Constituição de 1946, e reincorporado ao então Estado de Mato Grosso.

(<http://brasiguionews.com/artigo/artigo-ponta-pora-da-republica-velha-a-territorio-federal-revolucao-constitucionalista-na-era-do-estado-novo-de-getulio-vargas>).

Acessado em: 20/08/2013.

⁵ Cidade fronteiriça, aproximadamente, 50 quilômetros de Ponta Porã. Na época em que Serejo escreveu, deveria ser um pequeno povoado, pois foi distrito de Ponta Porã até 1976.

Serejo confia que, tudo o que via, anotava em um caderninho e na memória de jovem atento e sensível, ao ponto de observar ações corriqueiras e transformá-las em poesia, como é o caso de “A Cacimba”, soneto produzido, segundo Reis (1980, p. 103), em 1933, aos 21 anos, com o qual conquistou o 1.º prêmio do concurso “Poetas moços militares do Brasil”, no Rio de Janeiro:

Sempre em borbulhar, numa eterna mágoa,
Eu vejo, cristalino, esse olho-d’água;
E como é triste e alvo como o linho
Um olho-d’água à beira do caminho!...

Ali é a cacimba... rústica e isolada,
Dos noitibós, esplêndida morada;
Onde, fugindo da aridez do campo
Em rondejar o alegre pirilampo.

À tarde, na figueira, a passarada,
Numa enervante e louca revoada,
Senta... esvoaça...em lúbrica contenda.

Faz dez anos que ali a preta Mada,
Com a grosseira saia arregaçada,
Cantando, lava a roupa da fazenda...

A cadência emparelhada dos decassílabos intensifica a nostalgia do olhar do poeta pela vida simples e natural da fazenda e demonstra que, desde muito cedo, o autor integra o homem – a preta Amada – à natureza. Além disso, a personificação do ambiente – Sempre a borbulhar, numa eterna mágoa – é constante nas narrativas, fortalecendo, ainda mais, a relação homem-meio, ao ponto de um adquirir características do outro devido à integração natural. Outro aspecto recorrente está no homem em trânsito, em movimento, “Um olho-d’água à beira do caminho” visto pelo olhar de quem transita pelo caminho.

O hábito de tudo anotar resultou em sessenta e quatro cadernos guardados como relíquia, na acepção de Reis (2008, p. 134), os quais possuíam registro da vida nos ervais. Segundo Serejo, serviram como fonte de consulta e inspiração para escrita de seus livros. Além dos cadernos, das anotações, das lembranças, ficaram as amizades, como é o caso do “bugre Choié”, um mestiço de notáveis qualidades, companheiro de viagem, que evoca, mesmo depois de tantos anos, recordações: “guardo até hoje na memória” (Livro 34, p. 75). Ou, ainda, as amizades com moradores da região fronteira, os quais passam a ser uma espécie de consultores: “Segue mais uma cartinha *Fato e Versões, Coxim: MS, v. 09, n. 16, PP 162-175. Set-Dez 2016*

pedindo ajuda” (MAGALHÃES, 2011, p.110), sobretudo, o amigo Wilfrido Brizueña, o *Don Nenito*, uma espécie de informante-mor, como veremos mais adiante.

Confirmando a temática histórico-regionalista praticada desde o princípio da vida literária, em 1936, participou do concurso “Paisagens do Brasil” promovido pelas revistas “Boa Nova” e “Vida Doméstica” com o poema “Caboclo de minha terra”, por meio do qual obteve o primeiro lugar. Reis (2008, p. 1004) informa que Graciliano Ramos e Augusto Meyer fizeram parte da comissão julgadora.

Sua vida pessoal foi entrecortada por problemas de saúde. Por isso, Elpídio Reis, amigo de longa data, apelidou-o de “bolicho de doenças”. Outro aspecto que perpassou sua existência foi o acontecimento real, ficcionalizado em “Bode expiatório”, vivido pelo jovem Serejo, em 1935, no Rio de Janeiro; narrado em 1986, 1.^a edição em *O tererê que me inspira* (Livro 35). A história gira em torno de um grande desejo de Serejo, “[...] ser engenheiro para construir pontes”, “um moço, vibrante de amor pátrio [...] que lutou, bravamente, para vir a ser, um dia, tenente da Arma de Engenharia!” (CAMPESTRINI, 2008, p. 185). Para tanto, inscreveu-se – morava em Ponta Porã/MS – como voluntário no 3.^o Regimento de Infantaria, na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, “[...] sai de Ponta Porã, em 18 de outubro de 1932. Tinha tudo bem planejado, pois contava com a cooperação cristã do primo capitão Lauriano Gomes Monteiro, que servia no 3.^o R.I. Ao chegar fui incorporado, como voluntário [...]” (Livro 35, p. 182); porém, seu sonho finda em 1935, após ter concluído o curso de sargento; “por estar na hora errada no lugar errado”, acabou preso como comunista, na Intentona, tentativa de golpe militar contra o governo de Getúlio Vargas, realizada em novembro de 1935 pelo Partido Comunista Brasileiro em nome da Aliança Nacional Libertadora. Até ficar provada a sua inocência, permaneceu seis meses preso, na “Ilha das Flores”, de “onde saiu mais morto que vivo” devido às privações e maus-tratos a que fora submetido. Foi expulso do Exército e retornou, tristemente, a sua terra natal. Foi reintegrado ao Exército, ainda em vida, em 2006, como primeiro-sargento.

Este fato marcará para sempre sua história de vida, não muito diferente de Graciliano Ramos, preso em 3 de março de 1936, em Maceió, segundo cada qual – Graciliano em *Memórias do Cárcere*; Serejo em *Bode expiatório*⁶ - conta sua história,

⁶ Na narrativa *Um que o destino marcou* (Livro 26, p 284 -293), Serejo recupera parte da história pessoal vivida em *Bode expiatório* ao contar a história do amigo, “um farrapo humano”, o único que foi lhe visitar na Ilha das Flores, ocasião em que esteve preso.

nunca souberam ao certo por que foram detidos, nunca sofreram um interrogatório. Certamente, como avalia o cabo voluntário, “por estar na hora errada no lugar errado, acabou preso como comunista, na Intentona”. (Livro, 35, p. 132).

O desejo de construir pontes foi revigorado em 1955, ocasião em que o Rotary Clube de Presidente Venceslau/SP, lançou a propaganda “Pró-construção da ponte sobre o rio Paraná”. Hélio Serejo foi o presidente da comissão e seu empenho foi tamanho que as ações mediadas por ele reverteram em 12 grossos volumes encadernados, onde estão arquivados os documentos jornalísticos, fotográficos e expedientes oficiais desenvolvidos pela Comissão. Ao final de 5 anos, a ponte foi inaugurada. Novamente, Serejo se vê ludibriado pela sorte, pois a indicação de seu nome para a ponte não foi aceita pelo governo federal, além de ter sido barrado à entrada do “banquete em regozijo pela inauguração da importante obra.” (Livro 49, p. 153)⁷. O reconhecimento veio em 2012 por meio da Lei nº 12.610, de 10 de Abril de 2012, quando esta recebeu o nome de Ponte “Hélio Serejo”. Com isso, os méritos de homem que lutou para que o acesso entre os dois Estados - MS e SP - fosse facilitado, foram outorgados.

Em conformidade com Elpídio Reis, biógrafo, amigo, confrade e conterrâneo, Serejo viveu a maior parte da sua vida em cidade do interior paulista, Presidente Venceslau/SP, de 1948 a 2005, e não foi muito de vida social; fez seu percurso literário à custa de estudo exaustivo permeando lembranças do local em que viveu, com investigação de dados como já anunciamos, usufruindo da boa amizade fronteiriça.

Gabriel Otávio de Souza, em orelha do livro *De Galpão e Galpão* (s.d.) conta a ocasião em que Hélio chegou à redação, com um pacote de livros cujos títulos lhe

⁷ A ponte Hélio Serejo foi inaugurada sobre o rio Paraná, entre os estados brasileiros de Mato Grosso do Sul e São Paulo, possui 2.550¹ metros de extensão e, até a inauguração da ponte Rio-Niterói, era a mais extensa do Brasil.

Foi publicada, em 11 de abril de 2012, no Diário Oficial da União (DOU) a lei que muda o nome da ponte sobre o rio Paraná que liga o estado de São ao de Mato Grosso do Sul, entre Presidente Epitácio e Bataguassu, de Mauricio Joppert da Silva para Hélio Serejo. Até então, a ponte homenageava um engenheiro e político do Rio Janeiro, que foi ministro dos Transportes na década de 1940 e nada teve a ver com a obra que interligou os Estados. Passa a levar o nome de Hélio Serejo, um escritor e jornalista que nasceu em Nioaque e passou os últimos anos de sua vida em Presidente Venceslau. Ele foi o principal defensor da construção da ponte interligando os Estados, chegando a ser o presidente da “Campanha de Propaganda Pró-Construção da Ponte sobre o Rio Paraná”.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_H%C3%A9lio_Serejo. Acessado em 20/01/2013).

chamaram a atenção e levaram-no a inferir “É um cabra que pega a gramática, para aprender regras de escrita [...]”. (Livro 18). Tomava a sua produção como trabalho árduo, de pesquisa, sobretudo, retórica, como se pode perceber na parte estrutural de suas narrativas, em que exercita o modelo aristotélico – exórdio, introdução e conclusão.

Na década de 1980, Serejo intensificou pesquisa sobre o erval. Constam no livro *O karaí de Sanga Puitã*, do historiador Magalhães (2011, p. 108 -110), cartas trocadas entre Serejo e Nenito Brizueña, amigo desde 1926, quando, ainda, vivia no erval de Posto Baunilha. Foram muitas as consultas e pedidos ao amigo, desde o pedido da Ata de fundação da Cooperativa do Mate de Ponta Porã, até a consulta de nome de raízes usadas para curar maleita.

O amigo retribuiu, inclusive, com um desenho de próprio punho explicando como era o procedimento de um barbaquá⁸ e Serejo prestou-lhe “*Homenage de reconocimiento...*”:

Um autêntico paraguaio-brasileiro, um ervateiro de *tradición*, *carai* de muitas lidas, amigo leal, servidor, sempre cavalheiro, nasceu no ano de 1902, quase debaixo de um pé de erva, segundo seu próprio registro;...

[...]

Vive contente pelas orilhas da fronteira, rememorando fatos passados e falando sobre o mundo bruto da erva, evocando a vivência dessa época de tantos sacrifícios.

Nas minhas campereadas ervateiras, sempre tive, na pessoa do buenhaco Nenito Brizueña, um cooperador infatigável.

Quero abraça-lo macanudamente, um abraço de amigo e *hermano*, nas páginas deste modesto livro que cheira a perchel, barbaquá, arrastras, raídos e *mbureô*⁹ de *mensu*¹⁰ preocupado. (Livro 41, p. 67).

Pelos fatos, Serejo usa a memória e as relações pessoais para pesquisar dados históricos, hábitos e costumes no intuito de escrever a monografia. A prática de pesquisa, certamente, aprendeu com o pai, Francisco Serejo, o qual, por mais de 30 anos, pacientemente, dividido entre os afazeres do erval, à luz de lamparina, escreveu o

⁸ Jirua - espécie de mesa um pouco mais alta – de forma côncava, erguido sobre um buraco, destinado à secagem da erva-mate. O nome vem de boberacuá: o que brilha muito. (Livro 50, p. 253).

⁹ Grito de satisfação e entusiasmo do peão do erval. Alguns imitam animais ou pássaro. Meio do ervateiro s comunicar dentro do erval (Livro 50, p. 272).

¹⁰ Homem que faz o corte das folhas da erva mate. Um profissional de respeito sempre. Sobre até seis metros de altura, mantendo equilíbrio perfeito. É o elemento chave em todas as organizações ervateiras. (Livro 50, p. 273).

Dicionário dos charadistas e cruzadistas contendo mais de 3.000 páginas datilografadas (Reis, 1980, p. 44). O registro ímpar de Reis, merece destaque por ilustrar a prática da pesquisa e a relação de um sujeito do erval em diálogo com o mundo das letras:

O que há de mais interessante na vida desse homem é que ele, ao mesmo tempo, que se entregava ao pesadíssimo trabalho dos ervais – tão pesado que só os que já nasceram nele eram capazes de suportá-los – cercavam-se de montes de livros, empilhados pelo chão, e mesmo à noite, sob a luz de lamparina, ou nos momentos vagos durante o dia [...] ia pacientemente pesquisando e colhendo dados para a elaboração de um DICIONÁRIO DOS CHARADISTAS E CRUZADISTAS. Levou 30 anos neste trabalho. [...] Na impossibilidade de editar tão volumosa obra com recursos próprios, o autor, em 1950, doou os originais a uma Organização de Charadistas e Cruzadistas, de Belo Horizonte, a qual, também, por falta de recursos, não publicou o dicionário.

Reis salienta a dificuldade para conseguir comprar um livro, quando uma carta levava um mês para chegar a São Paulo, além das condições físicas e de disponibilidade para pesquisa e produção, tanto que foram 30 anos de trabalho pesquisando sobre “Todos os reis, rainhas, príncipes e princesas do mundo; os grandes generais, os navios que naufragaram, mitologia; os grandes inventores; os vulcões do mundo; as maiores e mais encarniçadas baralhas de todos os tempos [...]”. Reis registra, ainda, que a pesquisa do ervateiro-dicionarista chegou até o ano de 1930.

Em *13 pontos de Hélio Serejo*, Reis conta, de forma muito bem humorada, os percalços da vida do amigo e conterrâneo, aquele que “acertou em cheio na Loteria da vida” (1980, p. 12). Uma passagem pouco conhecida diz da sociedade formada entre pai e filho, e, em 1944, já no final da 2.^a Guerra Mundial, quando “[...] acharam de montar uma fábrica de óleo de laranja azeda. “O óleo seria destinado a aviões que lutavam na Guerra”. Para tanto, o pai – Dom Chico – vendeu uma tropa de burros cargueiros e arrendou uma gleba à margem do Rio Vacaria, a fim de transformar a laranja azeda, nativa neste local, em combustível. Depois de muito trabalharem, com 28 funcionários paraguaios – mão de obra barata – para montarem a usina, tiveram que vender as máquinas em Sorocaba/SP, pois a Guerra havia acabado e não havia mais compradores para o produto produzido pelos empreendedores fronteiriços.

Uma singularidade em Serejo está na inserção, em suas publicações, de trechos de correspondências recebidas de seus amigos e/ou admiradores quando estes ganhavam os volumes ofertados pelo autor. Com isso, há, em boa parte de seus livros, notas de

agradecimentos, saudações, apreço, trechos de cartas e bilhetes. Outro hábito peculiar está na divulgação e publicação dos exemplares, quase sempre, financiada por recursos próprios, muito natural, por se tratar de autor à margem.

Por adotar a prática da inserção de correspondência recebida, Serejo foi construindo, dentro de sua obra, uma espécie de fortuna crítica entrelaçada às narrativas. Essa peculiaridade abre espaço para investigarmos a recepção das narrativas que se referem ao regional, ao local, uma vez que seus possíveis leitores reconhecem o laço – ou nó – que une os planos do inventado e do reconstruído. Isso se dá em decorrência da proximidade do fato histórico ocorrido com a leitura, bem como pelo conhecimento que os leitores possuem do contexto histórico.

Compreendemos que Serejo envaidecia-se com as cartas, com as saudações, com os bilhetes que recebia; entretanto, não parece que as publicava no intuito de se enaltecer, mas de divulgar, como forma de confirmar a leitura e a interação de seu texto com seus possíveis leitores. Embora tivesse acesso aos jornais, rádios, editoras, esses veículos não tinham projeção além da local, pois eram periféricos.

Percorrendo a obra de Serejo, fica evidente que o fazer literário de homem simples, de pouco estudo formal, de valores morais e religiosos convencionais, de princípios calcados na relação colonizado/colonizador, foi motivado pelo prazer que dedicou ao seu fazer literário.

Esse fazer reverteu no que ele denomina “rosário de divagações literárias” (Livro 22, p.9) e que coloca, “humildemente”, nas mãos seus patrícios”. Encerra a apresentação de *Contas de meu rosário* julgando-se um predestinado: “Em cada conta está um pouco da predestinação que Deus me deu”: Assemelha-se à figura de um escolhido por Deus a serviço daqueles que não receberam o mesmo “dom” que ele. O tom de voz textual ressoa com timbre sertanejo, pausado, calmo, típico ao ritmo do nativo da região fronteira. Também deixa vazar uma relativa humildade cristã, do bem, de homem de paz, necessária, haja vista o lócus em que estava, de onde enunciava: fala da fronteira para a fronteira. Voz que ressoa a meio timbre, nem por isso, abafa as condições trágicas de fronteira discutidas por Martins:

As concepções centradas na figura imaginária do pioneiro deixam de lado o essencial, o aspecto trágico da fronteira, que se expressa na mortal conflitividade que a caracteriza, no genocida desencontro de etnias e no radical conflito de classes sociais, contrapostas não apenas pela divergência de seus interesses econômicos, mas sobretudo pelo abismo histórico que as separa. (1997, p. 15).

Fato e Versões, Coxím: MS, v. 09, n. 16, PP 162-175. Set-Dez 2016

Serejo sabia dos procedimentos alfandegários de fronteira, bem como do mérito em ser um homem do bem, conforme os preceitos católicos. Portanto, seguia firme na crença de que sendo do “bem” receberia as glórias divinas e o privilégio para gozar de seu mais sublime desejo: ser escritor. Pensamento e ação cultural dos povos catequizados e colonizados pelo movimento europeu que se alastrou pelo mundo. Essa herança cultural – fé, devoção, preceitos católicos – vai fundamentar o posicionamento do escritor e sobressairá nas narrativas por meio das condutas dos personagens.

Assim, em seus textos, há vestígios do pensamento do homem local, colonizado, explorado, desejoso por dias melhores. Do outro lado da constituição fronteiriça de sujeito distanciado, emerge como força de água borbulhando da terra, como em *Cacimba*, as ebulições reflexivas – prenúncio de consciência – de sujeito misto de “homem-cruza campo e trota-mundo”, que devido às relações estabelecidas como sujeito em trânsito, começa a “balbuciar” o passado, sem ter pressa de julgar “a própria sorte”, mas as palavras já explodem, mesmo que intercaladas pela voz de quem conta pelo outro. O balbuciar teórico fundamenta a versão de que Serejo, sujeito condoreiro, faz-se voz daqueles andantes “planetas sem boca” (Achugar) que balbuciam, quando muito, expressões soltas, as quais Serejo faz questão de cunhar com sotaque, timbre e força vocabular nas narrativas que compõem sua obra. O que poderia ser considerado ausência estética, mostrado pelo avesso, resulta em fiapos *sui generis* da produção de um sujeito destituído da desgastada classificação binária, brasileiro ou paraguaio, patrão ou peão, ervateiro ou escritor, colonizado ou colonizador. Esses fiapos podem ser lidos como a própria formação do sujeito contemporâneo tão discutido pelos teóricos: O sujeito formado nos vãos das partes da hibridação cultural.

Para Canclini (2003, p.34), em locais em que chega a possibilidade de modernidade, chega, também, a hibridação, fenômeno social que não rompe o tradicional, entretanto insere-se mesclando características por meio da justaposição de diferentes temporalidades, artefatos e lugares, sendo que o processo de hibridação resulta na (re)configuração dos lugares e das identidades. A simplificação e naturalidade com que Serejo conta as histórias de um tempo e lugar, diferenciam-se do esforço de muitos autores do início do século XX, os quais defendiam “Um Brasil brasileiro” pela ótica do olhar estrangeiro.

Serejo pincela na aquarela literária brasileira um ponto vital das discussões do início do século XX: a bandeira por uma consciência nacionalista, contrária ao ufanismo patriótico, sem causa, motivado pela ideia de exaltação da pátria, demonstrada nos textos pela descrição exacerbada, pela visão unilateral da realidade, cuja expressão se dava por meio de construções, por vezes carregadas de escolhas e combinações ao gosto europeu. Embora tenha estudado os românticos, Serejo distancia-se destes e pega trilheiros linguísticos mais costumeiros à sintaxe e ao vocabulário do homem fronteiriço. Vale ressaltar que muitos foram os desvios – de toda ordem “corrigidos” na revisão da obra, quando do projeto de organização das *Obras Completas*. Daí, vagueia a indagação: não seria desvio estético produzido pelas pegadas percorridas pela memória do ervateiro que se fez escritor?

Referências

SEREJO, H. *Contas do meu rosário*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 4 v. (Livro 22).

_____. *Vida de Erval*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 4 v. (Livro 23).

_____. *Sete contos... e uma potoca*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 4 v. (Livro 26).

_____. *Palanques da terra nativa*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 5 v. (Livro 31).

_____. *Caraí*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 6 v. (Livro 34).

_____. *O tereré que me inspira*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 6 v. (Livro 35).

_____. *Pialando...no Más*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 7 v. (Livro 38).

_____. *Meus bisnetos*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 9 v. (Livro 49).

Referências e Bibliografia

Fato e Versões, Coxím: MS, v. 09, n. 16, PP 162-175. Set-Dez 2016

ACHUGAR, H. *Planetas sem boca*: Escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Cintrão, P. H. Lessa, A. R. 4ª Ed. São Paulo, 2003.

CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. M (Orgs). *A História Contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CAMPESTRINI, H. *O trilhador de todos os caminhos*: vida e obra de Hélio Serejo. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 127 p.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*: momentos decisivos, 1750-1880. Rio de Janeiro: 10ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. *Formação da literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CORRÊA, V. B. *Coronéis e bandidos em Mato Grosso*. Campo Grande: Editora UFMS, 1995.

DORATIOTO, F. *Maldita Guerra*: Nova história da guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MAGALHÃES, L. A. M. *Retratos de uma época*: os Mendes Gonçalves & A Cia. Matte Larangeira. Ponta Porã, Mato Grosso do Sul: Gráfica e Editora Alvorada, 2013.
_____. *O Karai de Sanga Puitã*. Ponta Porã, Mato Grosso do Sul: Gráfica e Editora Alvorada, 2011.

MARTINS, J. de S. *Fronteira*: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: HUCITEC, 1997.

REIS, E. *Os 13 pontos de Hélio Serejo*. (Biografia). Coord. Editorial de Aparício Fernandes. Rio de Janeiro, 1980.

RIEDEL, D. C. (Org.). *Narrativa, ficção e história*. Rio de Janeiro: Imagem, 1988.

SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOUZA, E. M. de. *Tempo de pós-crítica*. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.